



Geopoéticas Glocais: Arte/Educação Ambiental, Ativismo e Práticas em Rede. #FrenteBrasilContraDevastação.

Lilian Amaral

Diversitas USP - Universidade de São Paulo, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5652-4300>

Co-autores Frente Brasil Contra a Devastação

Resumo

O presente artigo tem como objetivo documentar e analisar uma série de ações de ativismo artístico realizadas como protesto contra o “PL da Devastação” sobretudo ocorridas no mês de julho na cidade de São Paulo, com desdobramentos ao longo do segundo semestre de 2025, até o momento desta escrita co-autoral. Conceitualmente, as ideias que inspiraram as mobilizações situam-se no campo da Geopoética (Kenneth White) e da Topofilia (Yi-Fu Tuan), estabelecendo articulação intercultural e multisensorial, aproximando distintas “paisagens” geográficas, urbanas e humanas. A iniciativa principal mobilizou a criação coletiva e em rede, de uma manifestação pública, de forte presença no cotidiano urbano como ato poético-político ambiental para sensibilização da opinião pública acerca das ameaças ambientais impetadas pelo Congresso Nacional, aqui denominadas como “PL da Devastação”. Uma faixa artística monumental foi coproduzida por uma multitude de artistas-educadores-ativistas-cidadãos que se reuniram na mais convergente das avenidas – a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, Brasil. Mobilizou uma vasta rede de artistas e coletivos alcançando notável impacto cultural e midiático na elaboração de uma obra poética articuladora das distintas pautas ao redor do patrimônio biocultural em risco. Os temas-chave incluem a concepção da arte pública relacional como uma prática de ação política e sensibilização social, com a primazia do trabalho coletivo sobre o individual e a importância da construção de processos co-criativos inclusivos e horizontais. Como desdobramento da obra-processual impulsionada pelo contexto de convergência político-ambiental da realização da COP30, em tempos de tensionamentos e disputas narrativas, delinearam-se desdobramentos que envolveram o planejamento de ações posteriores, como a participação na Marcha Mundial durante a COP 30. A formação de um coletivo temporário distribuído em rede glocal apontando para novos agenciamentos e estruturas sociotécnicas que impulsionam as táticas co-elaborativas de ecoativismo como formas de atuação local com repercussões globais, incidindo no espaço público “rede-rua” no presente, atuando na construção de espaços de mutação onde dialoguem distintas cosmopercepções e tecnodiversidade.

Palavras-chave: geopoética, arte educação ambiental, ativismo em rede, criatividade social, arte pública.

Geopoéticas glociales: arte/educación ambiental, activismo y prácticas en red. #FrenteBrasilContraLaDevastación.

Resumen

El artículo tiene como objetivo documentar y analizar una serie de acciones de activismo artístico realizadas como protesta contra el “PL da Devastação” realizado en el mes de julio en la ciudad de São Paulo con desarrollos a lo largo del segundo semestre de 2025, hasta el momento actual de este escrito en coautoría. Conceptualmente, las ideas que inspiraron las movilizaciones se ubican en el campo de la Geopoética (Kenneth White) y la Topofilia (Yi-Fu Tuan), esta-

bleciendo una articulación intercultural y multisensorial, acercando diferentes “paisajes” geográficos, urbanos y humanos. La principal iniciativa movilizó la creación colectiva y en red de una manifestación pública, con fuerte presencia en la vida cotidiana urbana como un acto poético-político ambiental para concientizar a la ciudadanía sobre las amenazas ambientales impuestas por el Congreso Nacional, aquí llamado “PL de la Devastación”. Una monumental pista artística fue coproducida por una multitud de artistas-educadores-activistas-ciudadanos que se reunieron en la avenida más convergente: la Avenida Paulista, en la ciudad de São Paulo, Brasil. Movilizó una vasta red de artistas y colectivos, logrando un notable impacto cultural y mediático en la creación de una obra poética que articula las diferentes cuestiones que rodean el patrimonio biocultural en riesgo. Los temas clave incluyen la concepción del arte público relacional como una práctica de acción política y conciencia social, con la primacía del trabajo colectivo sobre el trabajo individual y la importancia de construir procesos co-creativos inclusivos y horizontales. Como desarrollo del trabajo procesual impulsado por el contexto de convergencia político-ambiental de la COP30, en tiempos de tensión y disputas narrativas, se perfilaron desarrollos que involucraron la planificación de acciones posteriores, como la participación en la Marcha Mundial durante la COP 30. La conformación de un colectivo temporal distribuido en una red glocal apunta a nuevas agencias y estructuras sociotécnicas que promueven las tácticas coelaborativas del ecoartivismo como formas de acción local con repercusiones globales, afectando al público de la “red de calle”. espacio en el presente, trabajando para construir espacios de mutación donde dialogen diferentes cosmopercepciones y tecnodiversidad.

Palabras clave: geopoética, arte educación ambiental, activismo en red, creatividad social, arte público.

Glocal Geopoetics:

Environmental Art/Education, Activism, and Networked Practices. #FrenteBrasilContraDevastação

Abstract

This article aims to document and analyse a series of artistic activism actions carried out in protest against the so-called “Devastation Bill” (PL da Devastação), primarily taking place in July in the city of São Paulo, with developments extending throughout the second half of 2025 up to the moment of this co-authored writing. Conceptually, the ideas that inspired these mobilisations are situated within the fields of Geopoetics (Kenneth White) and Topophilia (Yi-Fu Tuan), establishing intercultural and multisensory articulations that bring together different geographical, urban, and human “landscapes.” The main initiative mobilised collective and networked creation in the form of a public demonstration, strongly present in everyday urban life, conceived as a poetic-political environmental act aimed at raising public awareness of the environmental threats imposed by the National Congress, here referred to as the “Devastation Bill.” A monumental artistic banner was co-produced by a multitude of artist-educator-activist-citizens who gathered on one of the city’s most emblematic avenues—Avenida Paulista, in São Paulo, Brazil. The action activated an extensive network of artists and collectives, achieving significant cultural and media impact through the creation of a poetic work that articulated diverse agendas surrounding biocultural heritage at risk. Key themes include the conception of relational public art as a practice of political action and social awareness, the primacy of collective over individual work, and the importance of building inclusive and horizontal co-creative processes. As an unfolding of the processual artwork driven by the politically and environmentally convergent context of COP30—amid times of tension and narrative disputes—further developments emerged, including the planning of subsequent actions such as participation in the World March during COP30. The formation of a temporary, glocally distributed networked collective points toward new assemblages and sociotechnical structures that propel co-elaborative eco-artivism tactics as forms of local action with global repercussions, intervening in the public “network-street” space in the present and contributing to the construction of spaces of transformation where diverse cosmoperceptions and technodiversity can enter into dialogue.

Keywords: Geopoetics; Environmental art education; Networked activism; Social creativity; Public art

Introdução

1. Entre a geopoética e a topofilia

Para contextualizar o campo conceitual que ancora parte das discussões aqui apresentadas, no âmbito da arte e educação ambiental, estabelecemos o diálogo entre a geopoética e a topofilia diante das mutações climáticas, propondo uma reflexão profunda sobre como os seres humanos sentem e habitam um mundo em transformação acelerada. Enquanto a topofilia foca no elo afetivo e na sensação de pertencimento ao lugar, a geopoética busca renovar radicalmente a relação com a natureza através da linguagem e da experiência sensível. Frente às crises ambientais, esse diálogo revela tensões e novas formas de percepção geográfica, amplamente consideradas na construção das intervenções urbanas #ContraoPLdaDevastação.

1.1. Da Topofilia à Topofobia: A Perda do Lugar Seguro

As mutações climáticas alteram paisagens familiares, transformando sentimentos de afeto (topofilia) em medo ou aversão (topofobia). A destruição de Identidades é resultado do apagamento de memórias, e a destruição de paisagens naturais e construídas, forçam o resgate dessas categorias para compreender a perda da identidade com os lugares. Vivemos imersos em paisagens do medo marcadas por eventos catastróficos, como rompimentos de barragens ou desastres climáticos, ressignificando territórios, antes preservados e cuidados, como espaços de risco e insegurança.

1.2. Geopoética como Nova Forma de Habitar o Mundo

A geopoética oferece um arcabouço para enfrentar a “intempérie” do tempo presente, propondo uma linguagem que não apenas represente o mundo, mas que se some a ele. A experiência do Vir-a-Ser, propostas pela criação poética e literária, permitem pensar o mundo como um “devir”, algo ainda a ser construído ou redescoberto diante da crise, mobilizando a esperança ativa – o esperar, como nos propõe Paulo Freire (2003).

Reencontro com a Natureza: Diante da urgência climática, a geopoética incentiva um olhar, sentir e ouvir a natureza que recupere a essência humana e os valores perdidos na degradação ambiental.

1.3. Conscientização e Mobilização Afetiva

A conexão entre sentir o lugar (topofilia) e expressá-lo (geopoética) é vista como crucial para a sobrevivência humana e a ação política. Destacamos como fundamental estabelecer a “comunicação do risco”, sabendo que a ciência já possui soluções para as mudanças climáticas, mas o desafio atual é tornar a informação e a comunicação compreensível, apontando o risco por meio de uma linguagem que mobilize a sociedade. O sentimento de vulnerabilidade e cuidado são mobilizados quando se sente parte de um ambiente e cultura, gerando afeto e responsabilidade. A geopoética ajuda a transformar a “abstração” das metas climáticas em uma percepção sensível, vívida e percebida da fragilidade dos ecossistemas.

1.4. Desafios Éticos e Geopolíticos

As mutações climáticas ocorrem em territórios específicos, afetando populações de forma desigual e acirrando tensões geopolíticas. O diálogo geopoético-topofilico defende que a superação da crise exige uma ética fundamentada de políticas emancipatórias que respeitem os vínculos afetivos e a diversidade cultural, bem como o reconhecimento de que as mudanças climáticas impactam a saúde, o bem-estar e os direitos humanos, exigindo uma visão integrada da sobrevivência.

Para aprofundar a compreensão sobre o impacto das transformações nos lugares, o campo da Topofilia apresenta um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, sendo o autor sino-americano Yi-Fu Tuan a referência fundamental, enquanto a geopoética de Kenneth White busca ampliar uma relação sensível e inteligente com a Terra, unindo geografia e poesia para explorar a experiência humana no mundo, valorizando o pertencimento e o encontro afetivo com os lugares, e se opondo à mercantilização do planeta através de expressões criativas e intelectuais. É uma abordagem que

harmoniza arte e ciência para reconectar o indivíduo à natureza, aproximando arte e filosofia explorando outras formas para revelar a singularidade e o significado intrínseco das paisagens.

2. Relações entre arte, educação, meio ambiente e ecoativismo. Panorama político | Contexto Av. Paulista
"[...] a arte é o esforço do ser humano para representar o mundo ao seu redor e representar também os ritmos constantes da vida"

Ana Mae Barbosa no Programa Roda Viva, TV Cultura, 1998, reverberando as ideias do poeta e crítico de arte britânico Herbert Read (1893-1968)

A "Ocupação Ana Mae Barbosa" no Itaú Cultural (2025) foi uma grande exposição que celebrou os 70 anos de trajetória da pioneira da arte-educação no Brasil, destacando seu papel fundamental na área com sua **Abordagem Triangular** (leitura da obra, contextualização e fazer artístico) e sua luta pelo direito ao ensino das artes. A mostra, com curadoria de Clarisse Diniz, reuniu cerca

de 300 itens, incluindo documentos inéditos, obras, cadernos e registros audiovisuais, além de conteúdo digital interativo. No contexto de sua realização, foram propostos encontros públicos e ativações, promovidas por arte/educadoras/es que dialogam e reverberam as ideias de Barbosa. As proposições de ativações foram uma iniciativa da OPAÊ – Associação Paulista de Arte Educação e entre as ativações, eu e diversas/os colegas de longa trajetória nos agrupamos em torno da ação co-elaborativa aberta à participação pública " *colheita : entre palavras : sons : imagens : corpos : a construção do jardim floresta*".

Nesse contexto fomos convidadas/provocadas a participar de uma ação de arte pública em protesto contra retrocessos da política ambiental brasileira.

A seguir vamos construindo o contexto de conexões entre arte, ativismo, ecologia e consciência crítica, para compreensão da transversalidade das práticas ecoativistas, em especial, a ação artística e Geopoética **#EcoArte-ContraoPLdaDevastação**.



Figura 0 / disparadora: Ato coletivo performático **Florestar Ana Mae**. Ativação na Ocupação Ana Mae Barbosa, Itaú Cultural, 13 de Julho de 2025. Propositoras: Cris Pires, Isabel Marques, Lilian Amaral, Lucimar Bello, Mirian Celeste Martins e Rejane Coutinho. Foto: Lilian Amaral.

2.1. Arte/Educação Ambiental

Parto de uma provocação feita por mim à Arte Educadora, professora e pesquisadora Rejane Coutinho (PPGAV-IA UNESP) sobre possíveis diálogos entre arte, educação e meio ambiente, posto que estávamos envolvidas nas ativações e encontros públicos junto à **Ocupação Ana Mae Barbosa** e que me interessava promover uma escuta sobre o “estado da arte” do campo da AEA – arte/educação ambiental na atualidade. Assim, devido à proximidade afetiva e acadêmico-cultural formulei a provocação, estimulando um diálogo para ampliação das trocas interdisciplinares. As Ocupações Culturais homenageiam grandes expoentes da cultura brasileira, e na ocasião, julho de 2025, havia sido recém-inaugurada a exposição e ativações relacionadas à ocupação Ana Mae Barbosa, celebrando a trajetória e a vida da grande arte educadora, pesquisadora, historiadora de arte, referência internacional no campo da Arte Educação contemporânea.

Rejane é assertiva ao comentar sobre o legado da memória no tocante às relações entre arte educação e meio ambiente no Brasil, destacando matrizes culturais e conceituais sobre intercâmbios entre esses campos do saber. Assim:

"Para contextualizar possíveis relações entre arte/educação e meio ambiente hoje, recorro à história do próprio campo do ensino de artes, especialmente ao contexto no qual passamos a nomear este campo como arte/educação. O contexto ao qual me refiro é o do *Movimento Escolinhas de Artes* que constrói e divulga o ideário da arte/educação na segunda metade do século XX aqui no Brasil. Neste contexto as relações entre arte/educação e meio ambiente fazem parte da fundação do Movimento, sobretudo com a presença da arte/educadora *Laís Aderne* que impregna as práticas da Escolinha com as questões das culturas populares e da ecologia. A memória de Laís Aderne deve ser revivida para arejar o nosso campo e nos dar fôlego para enfrentar os grandes desafios climáticos que vivenciamos. Ela própria deixou sua marca com a criação do EcoMuseu do Cerrado Laís Aderne, um espaço de preservação cultural e ambiental do Cerrado e sua sociobiodiversidade (sugiro as leitoras e leitores um passeio pelo site <https://museucerrado.com.br/ecomuseu-do-cerrado/>

). E ainda como sugestão deixo a referência do capítulo *Laís Aderne: da ecologia humana à ecologia ambiental* escrito por Ana Mae Barbosa, no livro *Mulheres não devem ficar em silêncio* (Barbosa e Amaral, Editora Cortez, 2019)."

Laís Aderne foi e é importantíssima referência no campo da arte/educação ambiental e para quem como eu, atua nas fronteiras entre arte/educação/meio ambiente e museologia social ou museu do território, seria contribuição valiosa visitar suas práticas e legado. Assim, lancei mão do conhecimento e do privilégio de conviver com Ana Mae Barbosa e simulei uma conversa entre ela e Laís Aderne utilizando as ferramentas de I.A., o que resultou em um diálogo rico que conectaria a *Abordagem Triangular da arte-educação* - matriz conceitual desenvolvida por Barbosa, com as *práticas de arte ambiental e a pedagogia da sustentabilidade*, articuladas por Aderne.

O foco da conversa transitaria pela forma como a educação pela arte pode desenvolver a consciência crítica e a ação transformadora necessárias para enfrentar as crises ambientais e climáticas no Brasil e no mundo. Entre os pontos-chave do diálogo destacaríamos:

- **Ampliação da Abordagem Triangular:** Aderne, que já utiliza a Abordagem Triangular em suas reflexões sobre arte ambiental, aplicaria seus eixos (fazer artístico, apreciação estética e contextualização) voltados especificamente às questões ecológicas. Barbosa concordaria com a pertinência de usar esses pilares para decodificar e analisar obras de arte pública, ecológicas e cultura popular, assim como de *land art*, arte sustentável e ativismo artístico, contextualizando-os dentro da história da arte ambiental e social brasileira/local.
- **Formação de Cidadãos Críticos e Ativos:** Ambas enfatizariam o papel da arte-educação na formação de cidadãos que não sejam estranhos ao seu meio, mas que desenvolvam uma capacidade crítica para analisar a realidade e a criatividade para transformá-la. A conversa aprofundaria como a arte pode inspirar a ação climática e a transição para um futuro mais sustentável, indo além da mera transmissão de conceitos científicos.
- **Valorização do Conhecimento Local e Indígena:** O diálogo provavelmente abordaria a importância de integrar conhecimentos tradicionais e indígenas sobre a natureza

na educação ambiental, reconhecendo a arte como um veículo para expressar essas necessidades e crenças. Isso se alinharia com a visão de Barbosa de uma arte-educação culturalmente identificada e com o foco de Aderne em uma abordagem holística e sistêmica das questões ambientais.

- **Práticas Pedagógicas Integradas:** A conversa geraria ideias para currículos de arte-educação que integrem a produção artística (como o uso de materiais reciclados ou naturais) com a reflexão sobre o impacto ambiental e a estética ecológica. O objetivo seria desenvolver a sensibilidade e a consciência perceptiva em relação ao meio ambiente antes mesmo das técnicas tradicionais de arte.
- **O Papel Social da Arte-Educação:** A discussão reforçaria o chamado de Barbosa para a “educação levando arte para todos” com um propósito social expandido, que incluiria a responsabilidade ecológica e a promoção da justiça climática, reconhecendo a função social e transformadora da arte.

Em suma, a conversa resultaria em uma visão unificada e poderosa da **arte-educação como um instrumento essencial e transformador para a sustentabilidade**, utilizando a estética e a criatividade como motores para uma mudança de paradigma social e ambiental no Brasil.

2.1. A Faísca: o Gesto Antes do Ato. Arte Pública como narrativa social.

A ideia da pintura de uma faixa coletiva de cem metros de comprimento, que mais tarde atravessaria a Avenida Paulista como um rio de consciência ambiental, nasceu em uma reunião online marcada pela urgência e pela lucidez. Naquele momento, o grupo que compunha a **Frente Brasil Contra o PL da Devastação** reconhecia a dificuldade de mobilizar, em curto prazo, dezenas de milhares de pessoas nas ruas. Era necessário pensar em algo que, mesmo sem a massa, tivesse massa simbólica. Foi nesse contexto que surgiu a proposição de uma faixa monumental, capaz de envelopar a Paulista com o mesmo poder visual que as grandes campanhas publicitárias usam para capturar o olhar — mas agora a serviço da educação ecológica e da resistência democrática.

A proposta emergiu na conversa entre Celso Singo Aramaki, Annabelle, Gustavo, Dalali e Denise, e rapidamente

se expandiu como uma rede de imaginações compartilhadas. A Avenida Paulista foi escolhida não apenas pela visibilidade midiática, mas por seu papel histórico como território de luta e expressão coletiva. Nesse mesmo período, acontecia o planejamento de um evento de arte e educação coordenado pela professora **Lílian Amaral** em homenagem à professora Ana Mae Barbosa, que recebia uma homenagem pela vida e obra no Centro Itaú Cultural, localizado no início da mesma avenida, cuja presença simbólica ajudou a consolidar a ideia de que o protesto poderia dialogar com a pedagogia estética — transformando a crítica política em ato educativo público.

1.2 Da Ideia à Articulação: Cuidadoria: uma Curadoria Coletiva

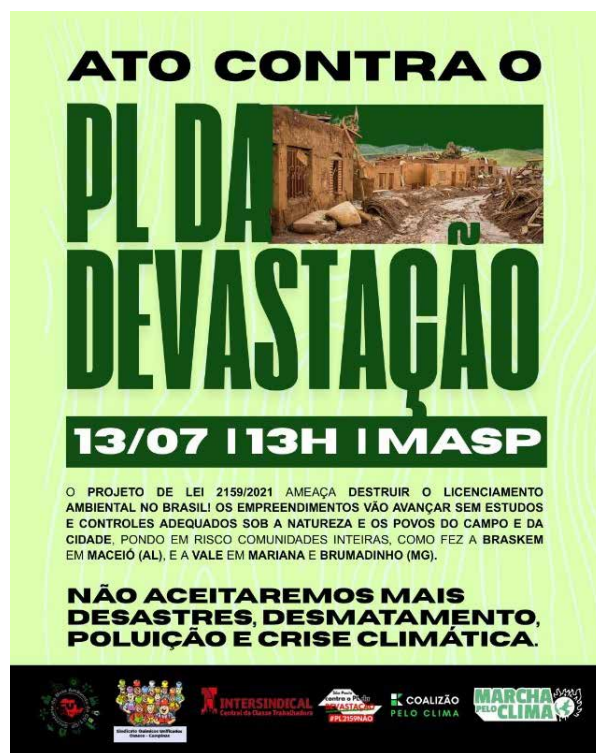


Figura 1: Flyer de divulgação do Ato contra o PL da Devastação na Avenida Paulista, 13 de julho, 2025. Fonte: #FrenteBrasilContrao PLdaDevastação.

A proposta da faixa rapidamente se integrou à estrutura da **Coordenação Nacional da Frente Brasil Contra o PL da Devastação**, que, em São Paulo, articulava com os coletivos da **Marcha pelo Clima**, **Coalção Pelo Clima**, **Frente Periférica Por Direitos** e outros. Sob a

curadoria da professora Lilian Amaral, um grupo de WhatsApp tornou-se o epicentro das decisões e da afetividade compartilhada. Ali se encontraram artistas, grafiteiros da Zona Leste, comunicadores, ambientalistas, sindicalistas e estudantes, muitos deles, oriundos de universidades públicas e coletivos periféricos. O professor Paulo (UNESP) assumiu o papel de curador do campo histórico da intervenção, trazendo referências simbólicas como o conceito das “estações” – quatro núcleos de sentido distribuídos ao longo da faixa, cada um representando uma dimensão da vida e do território brasileiro:

- **Estação dos Biomas**, dedicada à Amazônia e aos ecossistemas nacionais;
- **Estação dos ODS**, como referência às metas globais de sustentabilidade;
- **Estação dos Povos Indígenas**, evocando a ancestralidade e a resistência originária;

- **Estação Justiça Climática, Quilombola e Afro-Brasileira**, reafirmando a herança negra na luta ambiental.

Essas estações funcionaram como constelações temáticas dentro da própria faixa, transformando o tecido em um mapa sensorial e político do Brasil. No centro, em letras cuja escala se aproximam da dimensão urbana, o quinto espaço unia todas as vozes: “**Contra o PL da Devastação**” – uma inscrição que funcionava como coração e grito, centro gravitacional da intervenção.

A materialização da ideia exigiu uma logística cuidadosa. Foi organizada uma “vaquinha online” para a compra de materiais e realizadas reuniões paralelas com dezenas de coletivos. Grandes organizações como o MST, Greenpeace, MTST, CUT Verde SP ofereceram apoio humano no dia do ato, garantindo que a montagem tivesse tanto a força do gesto individual quanto a potência de uma coreografia coletiva.



Figura 2: Registro feito por câmera acoplada à drone sobrevoando a Avenida Paulista e a produção coletiva da faixa de 100m, diante do MASP – Museu de Arte de São Paulo, SP, 13/07/2025. Fonte: #FrenteBrasilContra a Devastação.

1.3. O Clima Político e Emocional: Urgência e Esperança

O ambiente político era de tensão e de resistência. O **PL da Devastação** simbolizava, para muitos, um ponto de inflexão civilizatória — uma tentativa de esvaziar o licenciamento ambiental e reduzir o papel técnico do Estado à autodeclaração corporativa. A ideia da faixa, portanto, não era apenas protestar, mas reencantar o debate ambiental — deslocá-lo da tecnocracia para a sensibilidade, da burocracia para a poesia. O grupo buscava romper a bolha ambientalista, levando a pauta à sociedade ampla. Havia o desejo de tradução estética do conflito político, para que a mensagem “Veta, Lula!” não fosse apenas um pedido ao Executivo, mas um convite à reflexão cidadã. O sentimento coletivo era de urgência serena — a consciência de que, para comunicar algo vital, era preciso aliar estratégia, cuidado e beleza. Cada decisão — da cor da tinta à escolha do dia (domingo, com a Paulista aberta para pedestres) — foi tomada com uma precisão de dramaturgia.

1.4 O Conceito Ecoartístico e Educativo

Desde o início, a equipe optou por uma transmutação simbólica: transformar o protesto em uma ação de ecoarte-educação. A meta era criar uma proposição estética que transcendesse a lógica do confronto e se tornasse um ritual pedagógico coletivo e co-criativo. A escolha do domingo foi estratégica: a Avenida Paulista, sem carros, tornava-se uma ágora de escuta cidadã. A curadoria de Lilian Amaral (estética, artística e educativa) e de Paulo (histórica e simbólica) estabeleceu um eixo conceitual: a ação ocuparia o espaço urbano ressignificando-o como espaço de cuidado. Por isso, foram escolhidos materiais recicláveis, algodão e tintas não tóxicas, para estabelecer coerência poética, cultural e ecológica. A Arte, nesse caso, estabelecia uma ponte para além da representação, instaurando uma praxis EcoPoética Performada.

O design da faixa foi elaborado por Gustavo, com esboços criados no *Canva*, enquanto Anabelle, Dalali e Denise coordenaram a produção e execução. O processo tornou-se uma verdadeira oficina de aprendizagem social: estudantes e ativistas pintavam lado a lado, discutindo política, estética e ecologia — uma pedagogia da coexistência que emergia da prática co-criativa, não da teoria.

1.5 Síntese: A Paulista como Tela e Corpo Vivo

A gênese da faixa de 100 metros revela uma rara confluência entre arte, política e educação ambiental. Ela nasceu de uma conversa digital, atravessou múltiplas redes humanas e desembocou no espaço físico da Paulista como obra viva de resistência. Mais do que um protesto, a faixa foi uma aula pública em forma de obra, um manuscrito coletivo de eco-poética. Cada metro de tecido continha não apenas tinta, mas memória, afeto e compromisso — uma escrita expandida do território brasileiro em sua luta por dignidade ecológica.

2. O Acontecimento e Sua Dimensão Estética e Performativa

2.1. A manhã: o início como coreografia coletiva

A manhã de domingo, 13 de julho de 2025, amanheceu clara sobre a Avenida Paulista. Desde as dez horas, os primeiros integrantes começaram a chegar ao ponto central da ação — o vão livre do MASP, território histórico das manifestações democráticas no Brasil. O Marco já havia formalizado junto à Subprefeitura da Sé a solicitação oficial para a realização do ato, garantindo a legitimidade e o amparo institucional da intervenção. A montagem começou como um balé coletivo, sem comando central. Estavam presentes Anabelle, Denise, Dalali, Gladys, Marco, e, em seguida, dezenas de integrantes de outros coletivos que se aproximavam com tintas, pincéis, tecidos, faixas e instrumentos de percussão. As tintas e os materiais sustentáveis haviam sido comprados antecipadamente, e Carmen, do Movimento de Ocupação 9 de Julho, providenciou quarenta marmitas fornecidas pela Cozinha Solidária para os artistas, gesto que reafirmava a teia solidária que sustentava a ação. A coordenação era rizomática, horizontal: cada grupo cuidava de uma parte da faixa, como se a própria estrutura do movimento reproduzisse a morfologia de um ecossistema vivo e interdependente. As quatro estações temáticas — **Biomass, ODS, Povos Originários e Povos Negros e Justiça Climática** — tornavam-se “microrrizomas” humanos e criativos ao longo dos cem metros de co-criação performativa.

2.2. O gesto inaugural: desenrolar a Terra

Às 11hs, o tecido começou a se desenrolar sobre o asfalto. O vento leve fazia a faixa ondular, criando um efeito de maré branca diante do MASP. O gesto de abrir a faixa foi coletivo — ninguém deu a ordem, todos apenas se reconheceram naquele momento como parte de um mesmo pulso.

Visualmente, a cena era poderosa: o tecido branco correndo da sombra do MASP até o sol aberto da avenida, contrastando com o vermelho intenso da estrutura suspenso do museu. Era como se a cidade respirasse como corpo. O gesto performativo de desenrolar a faixa transformou-se em um ato de respiração cívica, em que o asfalto — habitualmente símbolo de dureza — se tornava suporte para uma escuta-escrita viva e coletiva.

2.3. A participação pública: pedagogia sensível em tempo real

Durante todo o dia, milhares de pessoas circularam pela Paulista: famílias, idosos, ciclistas, turistas, crianças, curiosas, moradores de rua. Cada um era convidado/a a participar da pintura, escrever mensagens, assinar, ou apenas tocar o tecido. Os organizadores explicavam o sentido do ato: a faixa representava a voz da sociedade pedindo o veto ao PL da Devastação, e cada traço era uma contribuição simbólica à defesa dos territórios e dos direitos ambientais. As estações funcionaram como núcleos pedagógicos vivos:

- Na **Estação Biomass**, os voluntários do **Greenpeace** guiavam desenhos de florestas, rios e espécies ameaçadas.
- A **Estação ODS**, conduzida pelas **alunas da UNESP**, transformou-se em um mosaico colorido dos **17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, traduzidos em ícones e slogans pintados à mão. A **Estação dos Povos Indígenas** reunia representantes de movimentos originários e afro-indígenas, em parceria com os artistas da **Zona Leste por Justiça Climática**, que pintavam grafismos ancestrais e mapas de territórios.
- A **Estação Pela Justiça Climática**, coordenada com

ativistas, situava-se próxima ao MASP, dialogando com a tradicional celebração pública de resistência cultural do Movimento Xirê.

No **centro da faixa**, o enunciado monumental **“Contra o PL da Devastação”** atravessava todas as outras estações — um eixo semântico unificador. Enquanto o público pintava, os organizadores observavam uma cena comovente: mães e filhos agachados lado a lado, idosos escrevendo frases, jovens desenhando **árvores**, e até turistas estrangeiros registrando palavras em diferentes línguas. A intervenção transformou-se em uma escola efêmera de cidadania ambiental, uma pedagogia da presença.

2.4. A performance e a imagem: a Paulista como tela viva

A performance foi registrada ao longo do dia por fotógrafos de mídias tradicionais e independentes, influenciadores e jornalistas, além de filmagens com drones previamente solicitadas. O plano aéreo revelava a dimensão total da faixa: um serpenteado branco e colorido entre a arquitetura cinza da cidade. As imagens circularam rapidamente nas redes, produzindo forte repercussão simbólica — a arte transformara-se em narrativa visual de resistência, compartilhada em tempo real. As câmeras capturavam não apenas o resultado final, mas o processo: o gesto, o suor, as mãos pintadas, o corpo urbano em fricção com o corpo político. A Avenida Paulista, acostumada a manifestações e desfiles, tornava-se uma instalação viva de ecoarte, onde cada pessoa era simultaneamente autora e público. O MASP, como um grande portal vermelho, convertia-se em moldura da própria história — um altar laico da arte e da democracia.

2.5. Encerramento e epílogo do dia

À medida que o sol descia entre os prédios, a faixa começava a secar. Por volta das três da tarde, os coordenadores organizaram o levantamento simbólico do tecido, um momento de rito coletivo: a faixa erguida ao vento parecia uma bandeira imensa flamejante, visível de longe, enquanto o drone registrava a imagem final. O gesto condensava o dia inteiro em um só movimento — uma elevação simbólica da consciência ambiental brasileira.



Figuras 3, 4, 5, 6 e 7: Pintura ecopoética – Faixa de 100 metros #ContraPL da Devastação na Avenida Paulista. Pintura coletiva e ação política, ativismo ambiental, julho 2025. Fonte: @FrenteBrasilContraoPLdaDevastação

Com o encerramento da Avenida às 17 horas, o grupo iniciou a desmontagem, respeitando a orientação dos fiscais e da Polícia Militar. A faixa foi cuidadosamente dobrada, preservada como arquivo da ação e testemunho da mobilização. Ao redor, o ambiente era de emoção: abraços, lágrimas discretas, risos cansados e palavras de gratidão. Havia uma sensação nítida de conclusão poética - o reconhecimento de que a arte, naquele dia, havia cumprido sua função: mobilizar o sensível e reencantar o político.

3. Leitura Simbólica, Midiática e Política da Intervenção

3.1. A simbologia da faixa: o corpo coletivo da Terra

A faixa de 100 metros ergueu-se como símbolo de convergência em um cenário político fragmentado. Sua extensão e processo coletivo transformaram-na em uma metáfora viva — um corpo terrestre estendido sobre o asfalto, no qual dezenas de coletivos se encontraram, pintaram e se reconheceram mutuamente. Mais do que um gesto estético, foi um exercício de unificação simbólica: uma ação que dissolveu fronteiras entre movimentos ambientais, urbanos, sindicais e artísticos.

Para os coletivos de São Paulo e de outras regiões do país, a escolha do MASP foi decisiva. O museu, símbolo da modernidade artística brasileira, tornou-se também ícone da memória democrática. Sua arquitetura suspensa, aberta ao vão livre, acolheu a faixa como quem recebe um novo capítulo da história da cidadania estética. Ali, o protesto adquiriu um duplo estatuto — obra de arte pública e ato político —, reforçando a tradição da Paulista como território de expressão cívica. A faixa, com suas tintas ecológicas e seu tecido branco, funcionou como pele simbólica do planeta, uma epiderme de consciência. O gesto coletivo de pintar converteu-se em uma liturgia laica da Terra, onde a arte substituiu o discurso pela presença. O corpo social, em movimento, se tornou corpo da Terra, e o espaço urbano — tantas vezes impermeável — abriu-se à respiração da coletividade.

3.2. A repercussão midiática: da arte à narrativa pública

O impacto da intervenção foi imediato e profundo. No próprio dia 13 de julho de 2025, os principais portais de

notícias do país — G1 (Globo), UOL, Folha de São Paulo — publicaram matérias destacando o ineditismo da faixa de cem metros e o caráter artístico-pedagógico da ação. As emissoras Globo, Band, Record, Jovem Pan e diversas rádios locais repercutiram o ato em seus noticiários, descrevendo-o como uma “manifestação criativa”, “ato simbólico pela sustentabilidade” e “obra coletiva em defesa do veto ambiental”. Durante vários dias, imagens aéreas captadas por drone circularam amplamente nas redes sociais, transformando a faixa em um ícone visual do ativismo ecológico contemporâneo. O enquadramento aéreo — o tecido branco serpenteando sob o vermelho do MASP e o concreto da cidade — tornou-se uma metáfora visual poderosa: a vida atravessando o sistema. Estudos internos de mídia e alcance realizados nos dias seguintes apontaram que a faixa teve impacto estimado entre 10 e 15 milhões de pessoas, considerando as audiências combinadas das mídias digitais, televisivas e radiofônicas. O ato reverberou não apenas como notícia, mas como narrativa estética — uma história sobre o que o país ainda pode ser quando a arte e a política se encontram em torno de uma causa comum.

3.3. A mudança de percepção social: o despertar ambiental

A repercussão da faixa produziu uma inflexão discursiva perceptível: a sociedade começou a se apropriar do termo “PL da Devastação” e por consequência, “Congresso Inimigo do Povo”, que até então circulava majoritariamente em círculos ambientalistas. As matérias jornalísticas e as postagens nas redes sociais contribuíram para popularizar o vocabulário ecológico e o debate legislativo, gerando curiosidade e engajamento.

O gesto da faixa, embora efêmero, construiu uma ponte entre a emoção e o entendimento público. A arte, nesse contexto, atuou como tradutora: ela converteu o tecnicismo do licenciamento ambiental em uma experiência sensível e compartilhável. A ecoarte-educação, ao manifestar-se na rua, provocou uma mutação simbólica: o meio ambiente deixou de ser um tema “de especialistas” para tornar-se uma questão estética e moral da sociedade civil. O contexto internacional amplificou ainda mais o efeito.

O Brasil, já em preparação para sediar a COP30, estava sob observação global. A ação da faixa dialogou com essa expectativa, reposicionando a sociedade brasileira como protagonista de sua própria narrativa ambiental. Durante os dias que se seguiram, as redes de ambientalistas, artistas e comunicadores relataram um aumento expressivo de menções, hashtags e manifestações públicas em defesa do veto ao projeto.

3.4. O impacto político e legislativo: pedagogia do veto

Embora não fosse um ato partidário, a intervenção teve efeito político inegável. A força simbólica da imagem e a ampla repercussão midiática reforçaram o discurso público em torno da necessidade do veto presidencial ao PL

2159/2021. Ambientalistas, jornalistas e ex-ministros passaram a citar o “ato da faixa de cem metros na Paulista” como exemplo de resistência democrática e criatividade civil. Na semana seguinte, o tema do veto ganhou espaço ampliado em colunas políticas e editoriais – um reposicionamento do debate dentro da esfera legislativa. O gesto poético tornou-se também um ato pedagógico dirigido ao Congresso. Ele mostrou que a sociedade civil brasileira é capaz de expressar complexidade política sem recorrer à violência, ensinando que a arte pode ser instrumento de argumentação ética. A performance estética da faixa produziu um novo tipo de “audiência pública”: não dentro do parlamento, mas sobre o asfalto, na **ágora** urbana cotidiana.



Figura 8: Frames capturados do vídeo registrando os deslocamentos da Faixa contra o PL da Devastação por diversos Estados e Atos Políticos no Brasil. Vídeo e fonte: Armando Kokitsu, 2025.

Para assistir ao vídeo, acessar <https://vimeo.com/1137445108>

Ou direcione a câmera do seu celular para o QRCode para acessar o vídeo “Faixa Gigante Contra o PL da Devastação”, de Armando Kakitsu



3.5. Síntese e legado simbólico

A faixa de 100 metros foi mais do que um evento — foi uma obra de ecoarte-educação com potência de política cultural. Ao unir artistas, ativistas, coletivos e cidadãos, ela revelou que a estética da sustentabilidade não é apenas um campo acadêmico, mas uma prática social concreta, que pode transformar a percepção coletiva e o discurso institucional. Em retrospecto, a ação consolidou-se como um marco do ativismo estético contemporâneo brasileiro ao ecoar possibilidades de mobilização criadora. Ela mostrou que, quando o gesto é coletivo e a intenção é **ética**, a arte pública pode alterar o imaginário político de uma nação. Seu legado **não** está apenas no registro fotográfico ou na cobertura jornalística — mas na mudança de atitude e engajamento que provocou, por meio da via do sensível: a de um país que, mesmo diante da devastação

iminente, ainda é capaz de criar beleza como forma de resistência.

3. Luzes Contra a Devastação: Eco-Artivismo e Resistência Luminosa no Brasil.

ATO COM LUZ.

A combinação de arte, tecnologia e mobilização social mostrou-se capaz de romper o isolamento das pautas ecológicas, conectando a discussão técnica à sensibilidade cidadã. Ao iluminar o concreto, os artistas iluminaram também as zonas de sombra do processo legislativo. Do ponto de vista pedagógico, o ATO COM LUZ é um modelo de aprendizagem pública em tempo real e em um tempo de emergência climática, a ação inscreve-se como uma obra de arte eco social expandida. Ela demonstrou que, em meio à escuridão simbólica de retrocessos ambientais, a arte pode literalmente projetar luz — não apenas



Figura 9. Frame do Vídeo Ato de Luz no Brasil. Marianne Joint, 2025. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1asbWdlgEtVp9YAbT7Q6nAWofhR8e-8C9/view>



Aponte a câmera do celular para o QR-Code para acessar o vídeo - Ato de Luz no Brasil, de Marianne Joint.

sobre as fachadas, mas sobre a consciência coletiva de um país. A reportagem do ato publicada na Agência Estado foi rapidamente replicada por dezenas de jornais nacionais. Outros veículos e portais (Veja, IstoÉ, UOL, Folha, Band, Record, Jovem Pan) repercutiram o ato nas horas seguintes levando a um alcance estimado de 10 e 15 milhões de pessoas impactadas. A repercussão midiática da ação validou sua força como instrumento pedagógico e politicamente, a ação reforçou o discurso público em defesa do veto presidencial ao PL 2159/2021 e ajudou a deslocar a percepção do tema ambiental para o centro do debate público.

4. Conclusão em processo. Arte educação ambiental: sensibilização, mobilização, consciência crítica e pertencimento. Da indignação à performatividade. A luta é contínua!

O sentimento de brasilidade profunda havia sido sequestrado junto com a Bandeira do Brasil verde e amarela em 2018 pela extrema direita. Retomamos (com muito esforço) e ressignificamos a bandeira, incluindo todas as suas “contradições” e policromia – “azuis, brancos, amarelos e verdes”. Estamos exercitando a democracia com todas as suas vozes, sonoridades, tintas, diálogos e resistências que a definem em sua pluralidade e diversidade. Com crescente e resiliente maturidade política, institucional e diplomacia internacional estamos pavimentando uma via democrática pautada na luta, na escuta e na resistência criativa contínuas que vão se fortalecendo enquanto miram e reinterpretam o passado, com uma visada crítica, projetando o futuro coletivo e construindo o presente com beleza, indignação, integridade e afeto.



Figuras 10 e 11. Simulação visual e intervenção gráfica para arte urbana instalada na Avenida Paulista após novos retrocessos parlamentares até o presente momento, dezembro de 2025, com os nomes e retratos dos senadores que votaram a favor dos afrouxamentos do licenciamentos ambiental, contra a lei de Proteção Ambiental, colocando o país em situação de riscos iminentes. Ilustração e produção Gustavo Eugênio John. Foto: Carolina Gomes

Agradecimentos

Universidade de São Paulo, UNESP, Frente Brasil Contra a Devastação, todas/todos envolvidos na participação e materialização - concepção, criação, produção, registros e análise das ações que compõem total ou parcialmente o presente relato coautorial.

Referências

Ana Mae Barbosa. *Ocupação*. Entrevista de Lilian Amaral concedida à Ocupação Ana Mae Barbosa. Catálogo. Itaú Cultural, págs 41 a 43, 2025. Acesse <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/ana-mae-barbosa/>

Freire, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Frente Brasil Contra o PL da Devastação - <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/um-ato-na-avenida-paulista-em-s%C3%A3o-paulo-reuniu-manifestantes-contr%C3%A1rios-%C3%A0-derub/1267840265371852/>

Yi-Fu Tuan. *Espaco E Lugar - A Perspectiva Da Experiencia*. Edue, 2013.

Yi-Fu Tuan. *Topofilia. Um Estudo Da Percepção. Atitudes E Valores Do Meio Ambiente*. Edue, 2012.

Biografias

Lilian Amaral. <https://lattes.cnpq.br/9200107012768155> | <https://orcid.org/0000-0002-5652-4300>

Artista visual, pesquisadora e curadora internacional no campo da arte pública relacional em contexto ibero-americano. Doutora (2010) e Mestre (2000) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Universidade Complutense de Madrid (2000/2010). Pós-Doutora em Arte, Ciência e Tecnologia pelo IA/UNESP (2013). Pós-Doutora em Arte e Cultura Visual pelo PPG FAV/UFG e Universidade Barcelona/ES (2014). Possui obras em acervos em museus e espaços públicos no Brasil e exterior. Lider do Grupo de co-pesquisa e co-criação em arte, ciência e tecnologia em rede iberoamericana HolosCi(u)dad(e) / MediaLab UFG BR - ww.holos.espai214.org. Pesquisadora e Docente convidada junto ao PPGHDL / DIVERSITAS USP. Dirige o Observatório de Educación Patrimonial e a Rede Internacional de Educação Patrimonial (International Network on Heritage Education) em contexto latino-americano www.oepe.es. Seu foco investigativo centra-se nas relações entre práticas artísticas, ativismo, ecossistemas poéticos e ambientais, copesquisa e redes de co-criação contemporâneas. Professora Colaboradora do PPG ACT Artes, Culturas e Tecnologias - MediaLab BR/UFG.

Frente Brasil Contra a Devastação - ARTIVISTAS: Ana Basaglia, artista plástica e arte-educadora - São Paulo, SP Analice de Oliveira, assistente social e ativista - São Paulo, SP, Armando Kokitsu, servidor público - Brasília, DF, Bruna Gomes dos Reis, professora de História e ativista - São Paulo, SP, Cauê Maia, artista visual, poeta e ativista, idealizador Bazuca poéticas - São Paulo, SP, Celso Singo Aramaki, pesquisador e empreendedor, SP, SP, Cíntia Verza Amarante, professora de ensino médio e doutorando em História - São Paulo, SP, Cirlei Vidal Monteiro, membro do partido Rede no ello cidade/ambientalismo - São Paulo, SP, Dalali Nassib Rajab, artista plástica e ativista - São Paulo, SP, Denise Tiemi Matsuda, paisagista, fotógrafa e engenheira civil - São Paulo, SP, Ernesto Kenshi Carvalho Maeda, professor e sociólogo - São Paulo,

SP, Fernanda Naxara, coordenadora de movimentos sociais - São Paulo, SP, Gilmara Tiju, produtora cultural, arte educadora e ativista - Quilombo Andrequicé, MG, Giovanna Garcia Di Nubila, estudante em História - São Paulo, SP, Gustavo Eugenio John, estudante e ativista - São Paulo, SP, Gustavo Veronesi, geógrafo, educador e ambientalista - São Paulo, SP, Janaina Mariana, Graffiteira, professora de artes e educadora social - São Paulo, SP, Ju Costa, artista grafiteira - São Paulo, SP, Junior Kabloco, músico, compositor - São Paulo, SP, Lílian Amaral, artista plástica, professora, pesquisadora DIVERSITAS USP e arte-educadora - Santos/São Paulo, SP, Lira Alli, multi-artista, professora de artes - São Paulo, SP, Lucas Bambozzi, artista visual, cineasta e ativista - São Paulo, Perpétuo, educadora freiriana, pesquisadora e ativista - Rio de Janeiro, RJ, Marcia Lysllane [Allys], artista visual e educadora popular - São Paulo, SP, Marco Antônio Dalama Gonzalez, antropólogo e militante - São Paulo, SP, Marco Antonio Mills Martins, arquiteto e urbanista - São Paulo, SP, Maria Neide de Jesus, educadora popular, ativista ambientalista e artesã - São Paulo, SP, Marianne Joint, artista criativa, educadora popular e consultora de projetos - Diamantina, MG, Marquinho Mendonça, músico e ativista - São Paulo, SP, Matheus da Silva Amaral, guia de ecoturismo, ativista - Manaus, AM, Mozart Santos, artista visual e ativista - São Paulo, SP, Paulo Farah André, arte-educador, ator, cenógrafo, diretor e bonequeiro - São Paulo, SP, Paulo Henrique Martinez, professor na UNESP, pesquisador - São Paulo, SP, Rafaele Nunes Jacques, extrativista de açaí e educadora popular - Recife, PE, Regina Petti, agrônoma, paisagista - São Paulo, SP, Renata Utsunomiya, artista visual e ativista - São Paulo, SP, Sandro Nicodemo, ativista grafiteiro - Santo André, SP, Silvia Muiramomi, indígena, socióloga, terapeuta integrativa, ativista - São Paulo, SP, Sirlei Batidaióloga e pedagoga - São Paulo, SP, Vica Rocha, artista visual, ativista e produtora cultural - São Paulo, SP